



Diminuir / Aumentar a letra Enviar por e-mail Imprimir Compartilhar

## Entrevistas

Terça, 01 de maio de 2007

# A trajetória de um típico militante operário. Entrevista especial com Waldemar Rossi

Do trabalho de bóia-fria, passando pela construção civil até virar metalúrgico, **Waldemar Rossi** acompanhou de perto a luta operária brasileira nas últimas quatro décadas. Militante assumidamente cristão, foi da **JOC** e posteriormente da **Pastoral Operária**, da qual é o coordenador na Arquidiocese de São Paulo. Militante da oposição sindical metalúrgica em São Paulo, **Waldemar Rossi** em 1980 foi o escolhido para fazer a saudação ao papa **João Paulo II** em nome dos trabalhadores brasileiros, no estádio do Morumbi.

Um ano antes, em 1979, como membro do comando da greve, acompanhou o assassinato do seu amigo **Santo Dias**. Define a sua trajetória de vida como a de um militante que assume com muita intensidade todas as empreitadas em que participa. Na entrevista concedida ao **IHU On Line**, **Rossi** comenta a sua vida de militante, as principais lutas em que se envolveu e a relação com **Lula** que vem desde os anos 1970.

A sua mensagem nesse **1º de maio** aos trabalhadores e trabalhadoras é uma convocação para que todos arregacem as mangas e lutem sem tréguas contra o capital.

### Confira a entrevista

**IHU On-Line - O Sr. é considerado um "militante operário". Poderia nos falar um pouco da sua origem operária e como entrou para o MOMSP, o Movimento de Oposição Sindical dos Metalúrgicos de São Paulo?**

**Waldemar Rossi** - De fato, comecei minha vida de trabalho como "bóia-fria", aos 10 anos de idade, em minha terra natal, Sertãozinho - SP. Dos 13 aos 27 trabalhei como pedreiro, tendo vivido experiências como balconista e em usina de açúcar. Foi em 1955 que conheci a **JOC (Juventude Operária Católica)** e, através dela, me inseri na luta de classes, por ver no meu irmão operário, explorado, a figura do próprio Jesus. Fui descobrindo o sentido das lutas operárias como ato de solidariedade de classe. Em 1960, fui convidado a assumir a coordenação da **JOC** na Região Sul (SP-PR-SC). Nesse estágio, fui descobrindo que a industrialização do Brasil se dava alicerçada na metalurgia. Tendo refletido muito em equipe sobre a importância de me engajar pra valer nessa luta, decidi procurar trabalho numa fábrica metalúrgica, abdicando da minha profissão original, a construção civil.

Na **JOC**, tínhamos feito um estudo sobre as origens da estrutura sindical brasileira, herdada de **Getúlio**, inspirada no sindicalismo fascista da Itália de Mussolini. Já estávamos decididos a lutar contra ela e pela implantação de um sindicalismo a partir da sua organização nas empresas. Foi fundamental para isso a experiência do **João Batista Cândido** (que me antecedeu na coordenação da **JOC**), e seu trabalho de base na fábrica **Cobrasma**, de Osasco, de onde saiu a primeira **Comissão de Fábrica** da história do sindicalismo brasileiro, e isso à revelia da direção sindical da época.

Ao entrar numa fábrica, em maio de **1963**, meus passos deveriam ser aqueles que eu havia aprendido e defendido na **JOC**. Foi o que fiz. Depois de uma rica experiência, percebi que, embora tivesse feito um bom trabalho de base, ele fora marcado por alguma precipitação, o que rendeu meu primeiro desemprego. Após o golpe de 1964, aprofundamos o trabalho de base, de forma clandestina e, aos poucos, fomos achando uma brecha nas ações da ditadura e começamos a participar mais das atividades do sindicato, fazendo o enfrentamento com os interventores.

Em **1967**, lançamos duas chapas de Oposição: **Osasco** e **São Paulo**. A de **Osasco** foi vitoriosa, tendo com alavanca as **Comissões de Fábricas** lá existentes, enquanto que em **São Paulo** fomos derrotados por absoluta falta de experiência e de infra-estrutura. Estavam lançadas as sementes do novo sindicalismo que queríamos implantar. Foi assim que nasceu a **Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo**, que, por sua vez, inspirou a formação de muitas outras pelo Brasil afora, graças aos contatos que tínhamos. O **MOMSP** foi a evolução das primeiras experiências.

**IHU On Line - O senhor poderia falar um pouco sobre a greve da Cobrasma em 1968? Muitos consideram que a greve foi organizada de "fora para dentro" e a partir do trabalho de base do chão-de-fábrica. Como era esse trabalho de base em plena ditadura? O senhor conheceu o José Ibrahim, um dos líderes da greve, poderia falar dele um pouco?**

**Waldemar Rossi** - A greve de **Osasco** foi fruto do trabalho de base que havia em Osasco, principalmente das **Comissões de Fábrica**, mas caminhou no bojo do movimento francês daquele ano, de aliança operário-estudantil, com ocupação de fábricas, "sequestro" de dirigentes das empresas e outras formas de lutas. A de Osasco se deu na mesma época em que se deu a greve de **Contagem**, ambas repetindo experiências francesas. Antes, em S. Paulo, houve o 1º de Maio na Sé, programado pelo **MIA** (Movimento Sindical Anti-Arocho) e

## NOTÍCIAS

Com térmicas, poluição provocada por energia mais que dobra no país

O papa e os dilemas da guerra justa

O papa contra as hipocrisias da política. Artigo de Alberto Melloni

Dilma diz que hidrelétricas vão garantir novo ciclo de desenvolvimento no país

'O poder público precisa parar essa fábrica insana de desmatamento ilegal e desnecessário'. Entrevista com Paulo Barreto

## REVISTA IHU ON-LINE



Edição n° 450

### História, verdade e ética

- Site da revista
- Versão para folhear
- Versão em PDF

### ANTERIORES

Edição n° 449  
A desigualdade no século XXI. A desconstrução do mito da meritocracia

Edição n° 448  
Evolução consciente. Qual é o futuro da humanidade?

que contava com a participação de dirigentes sindicais pelegos, de esquerda e das oposições. Naquele dia, os pelegos levaram o governador biônico, **Roberto de Abreu Sodré**, ao palanque. Foram todos escorraçados pela enorme massa humana ali presente, com pedras e pedaços de pau. Em seguida essa massa derrubou e ateou fogo no palanque. Os pelegos e as autoridades fugiram para o sindicato dos Metalúrgicos do **Joaquinzão** e os de esquerda, oposições e a massa saiu em passeata pelo centro da cidade.

Portanto, no mês em que se deu a greve, as condições objetivas e subjetivas estavam dadas. Essa greve foi organizada a partir das fábricas, porém, com orientação política do sindicato, que era dirigido por uma composição de partidos de esquerda, todos, à época, se dizendo revolucionários. Creio que foi uma experiência muito alta para o momento político do Brasil, onde a correlação de forças era desfavorável ao movimento sindical. Foi essa precipitação, fruto de uma visão política revolucionária equivocada que levou à cassação de toda a diretoria e ao fim daquelas comissões de fábrica.

**Ibraim** era o presidente do Sindicato, mas não era o mentor intelectual daquele movimento. Era um rapaz inteligente e corajoso, que sonhava com a revolução socialista. Não creio que fosse mais que isso.

**IHU On-Line - No MOMSP conviviam operários de origem cristã, marxistas-leninistas, trokistas. Como era essa convivência?**

**Waldemar Rossi** – É evidente que a convivência com militantes de inspirações - ou matrizes ideológicas - tão diferentes não era nada fácil. No início, as dificuldades eram maiores pelo fato de que cada agrupamento – auto denominado partido – se acreditava como o mais capaz para dirigir a revolução socialista, de maneira especial todos achavam que tinham a melhor proposta para derrotar a ditadura. O tempo e as derrotas (talvez a mais importante dessas derrotas tenha sido a cassação da diretoria de **Osasco** e o fim da Comissão de Fábrica) fizeram com que os pés fossem fincados no chão. Foi a partir dos anos **74/75** que o entendimento começou a melhorar, pois todos viam que precisávamos de um movimento dos trabalhadores muito forte e que o **Sindicato dos Metalúrgicos de S. Paulo** era estratégico.

**"Parar São Paulo seria parar o Brasil. Isso explica porque os militares deram tanta atenção a esse sindicato"**

**IHU On-Line - Muitos dizem que se a oposição tivesse vencido as eleições para o Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo em 1978, o rumo do movimento operário hoje seria outro. O Sr. concorda? E por que a oposição rachou?**

**Waldemar Rossi** - Na verdade, nós vencemos aquelas eleições. Elas foram de tal forma fraudadas que o escrutinador **Sr. Preus** (amigo do **Joaquinzão**, como ele mesmo disse no dia) não teve dúvidas em declará-las nulas. Seria formada uma junta para dirigir o sindicato e programar uma nova eleição para daí a 60 dias. Mas o Ministro do Trabalho – **Arnaldo Prieto** - fez uma nova intervenção ao dar posse ao **Joaquinzão**.

Sem dúvidas, a conquista daquele sindicato seria estratégica para o movimento sindical brasileiro, pois ele é considerado estratégico pelo capitalismo, não apenas por ser o maior na área da produção. Mas porque em São Paulo se produz de tudo, desde máquinas, passando por peças de reposição até autopeças e peças de avião. Parar São Paulo seria parar o Brasil. Isso explica porque os militares deram tanta atenção a esse sindicato, mais do que a qualquer outro.

Os interesses partidários levaram ao racha da oposição em São Paulo. Primeiro foi o antigo **PCB**, que devido ao acordo feito com os militares propiciou o retorno de muitos comunistas do exílio. Por esse acordo, o **PCB** trabalharia para apoiar um pacto social. Seria importante não fazer oposição aos pelegos e combater as oposições de esquerda. Segundo, foram as pretensões do **PC do B** em querer assumir aquele sindicato e transformá-lo numa correia de transmissão partidária. Como a Oposição tinha uma prática democrática de escolher seus candidatos a partir de convenções nas fábricas, nas regiões e na cidade, eles não conseguiram impor a composição de uma chapa em que o **PC do B** era absoluto. A convenção para as eleições de 1981, com cerca de 500 operários/as escolheu a chapa da Oposição, enquanto que o **PC do B** formou sua própria.

**Lula disse: "Vai lá, enterra o MOMSP e o Joaquinção no mesmo caixão"**

**IHU On-Line - O MOMSP é contemporâneo ao Lula na presidência do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC? Como era a relação com ele? É fato que vocês não confiavam no Lula e até o consideravam pelego?**

**Waldemar Rossi** - Pelo que já foi narrado, dá para saber que a **Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo** nasceu muito antes do **Lula** se tornar sindicalista. Ele começa, pelo que sei, no ano de 1970, como suplente, sem experiência e vai galgando espaços progressivamente. Assumiu a presidência em 1977 ou 78, quando o **Paulo Vidal** perdeu a base territorial.

Havia uma certa compreensão de que o **Lula**, assim como a maioria dos sindicalistas da época - chamados de combativos -, vinha da própria estrutura sindical pelega e tinha a compreensão e praticava um sindicalismo de resultados, da troca de muitos anéis pelos dedos. Não havia, entre esses sindicalistas, a compreensão clara do antagonismo histórico entre capital e trabalho, coisa que era explícita para a maioria dos sindicalistas do **MOMSP**.

Apesar das divergências em muitos pontos, de início tínhamos um relacionamento de companheirismo. Tanto é que o **MOMSP** foi convidado a participar do **Congresso dos Metalúrgicos do ABC**, onde defendeu a tese das **Comissões de Fábricas**, conquistadas durante a greve de 1979, e que foi aprovada pela categoria, embora tivesse a desaprovção de parte daquela diretoria. Com o tempo, **Lula** foi revelando seu lado autoritário, embora de muito bom papo, ao tentar impor companheiros de sua tendência como encabeçadores das chapas do **MOMSP**, esbarrando no mesmo obstáculo que envolveu o **PCB** e o **PC do B**.

O enraizamento do **MOMSP** nas fábricas era maravilhoso. Nossas convenções reuniam 500 ou mais companheiros/as de toda a cidade, em plena ditadura militar. Nas Eleições de 1987, saíram três chapas, novamente: uma da direção pelega, outra da Oposição, encabeçada pelo companheiro **Carlúcio Castanha** e a terceira encabeçada pelo **Lúcio Belentani** (da Ford –SP), com apoio financeiro e logístico de **Lula** e dos Metalúrgicos do ABC. Na reunião ocorrida em São Bernardo, e que selou tal aliança, **Lula** disse ao **Lúcio**: "Vai lá, enterra o **MOMSP** e o **Joaquinzão** no mesmo caixão", fato testemunhado por companheiro nosso presente por equívoco na reunião. Curiosamente, em 1991, o **Lúcio Belentani** participou como fundador da **Força Sindical**, nascida para se contrapor à **CUT**. Pode-se dizer que a luta pela hegemonia no movimento sindical renascente foi uma das alavancas das indisposições existentes.

**IHU On-Line - O Sr. também resistiu em entrar no PT. Por que razão? Tratava-se de uma decisão pessoal ou do grupo político do MOMSP?**

**Waldemar Rossi** - Foi rigorosamente uma decisão pessoal. Tanto é que muitos dos nossos militantes foram fundadores do **PT**, inclusive o **Anízo de Oliveira**, que encabeçou a chapa de 1978. De minha parte, como um dos coordenadores da **Pastoral Operária**, não achava justo filiar-me a um partido, estimulando outros a seguirem meu exemplo, sem o senso crítico necessário. Para militar num partido, era necessário ter o discernimento político da época, o que muitos dos militantes da **PO** filiados ao **PT** não tiveram. Essa foi a razão principal. Outra, tão importante quanto esta, foi a constatação de que iria encontrar no **PT** toda a esquerda que já encontrava no movimento sindical,

tão cheia de conflitos e disputas de espaços. Não gostaria de viver conflitos semelhantes num partido.

"O Cardeal D. Paulo Arns me comunicou confidencialmente de que eu deveria me preparar para fazer a saudação ao papa em nome dos trabalhadores"

**IHU On-Line - Sobre a sua militância cristã, poderia nos contar um pouco dos bastidores da sua escolha para ler o documento dos operários para o Papa João Paulo II no estádio do Morumbi e as suas lembranças desse acontecimento?**

**Waldemar Rossi** - Algumas semanas antes da chegada do papa **João Paulo II** à S. Paulo, o Cardeal **D. Paulo Arns** comunicou-me confidencialmente de que eu deveria preparar-me para fazer a saudação ao papa em nome dos trabalhadores. Segundo ele, era necessário sigilo absoluto, mas não me deu as razões desse segredo. Falou que a escolha se dava por conta de toda minha história de militante operário e de militante de pastoral. Certamente pesou também para essa escolha, o fato de eu pertencer à **Comissão de Justiça e Paz**, ter sido preso. Creio que o assassinato do **Santo** (Dias da Silva) e o do **Gringo** também pesou.

A principal lembrança se deve ao fato de, na véspera do encontro, o **Dalmo De Abreu Dalari** – presidente da Comissão de Justiça e Paz – ter sido seqüestrado pelas forças de segurança, esfaqueado e atirado em terreno baldio. Descoberto por vizinhos foi levado ao hospital e de lá seguiu em maca, todo enfaixado, para o *Campo de Marte*, onde fez uma das leituras da missa celebrada pelo papa. **D. Paulo** não queria que eu fosse para minha casa, naquela noite, determinação por mim rejeitada. Fui dormir ao lado da minha esposa. Suas razões, além do seqüestro do **Dalmo** tinham como base a negação da credencial do comandante do 2º Exército para minha entrada no gramado.

Entrei na marra (único nessa condição), com uma credencial de **D. Paulo**, não sem antes ter feito um enfrentamento com o coronel encarregado da segurança no local de entrada. A outra marca, negativa, foi o pedido do Secretário do Vaticano para que minha saudação fosse muito breve, por conta do atraso do papa na chegada ao Morumbi e pela noite chuvosa que poderia afetar a saúde do papa, ainda no terceiro dia da visita (sic). Foi uma frustração porque era o momento político mais importante para a classe trabalhadora brasileira.

**IHU On-Line - O Sr. conheceu o Santo Dias da Silva. Que lembranças tem dele, e que tipo de personalidade ele tinha? Era um líder?**

**Waldemar Rossi** - **Santo** era um guerreiro, inteligente, comprometido com a classe e com seus companheiros. Não tinha medo e não fugia dos enfrentamentos necessários. Cristão convicto, sabia do seu engajamento e da dimensão evangélica do seu compromisso. Era um líder nato, muito comunicativo, sem pretensões pessoais, de grande desprendimento. Tinha grande facilidade para harmonizar seu trabalho de fábrica, com as atividades da **Oposição**, da **Pastoral**, assim como harmonizar sua vida familiar com a vida na comunidade e nos movimentos populares da região de moradia. Um homem justo, isto é, um santo verdadeiro.

"ACUT tornou-se uma correia de transmissão partidária"

**IHU On-Line - Sobre a CUT e o PT. O que pensa dessas organizações? E também qual é a sua opinião sobre a Conlutas?**

**Waldemar Rossi** - Quanto ao **PT** – ao qual me filiei em fins de 1985 –, pedi minha desfiliação em junho de 2004 porque entendi que ele se tornara um partido do capital, não mais dos trabalhadores. Esse momento da desfiliação não se deu por conta da linha política do governo **Lula**. Ela foi o resultado de seguidos e crescentes desvios éticos e ideológicos que a sua direção e corrente majoritária vinham praticando. Pude perceber tudo isso quando participei da Executiva Estadual e do Diretório Nacional, entre os anos 1993 a 1995. A linha do Governo **Lula** foi a gota d'água. Minha crença é de que a concepção e prática dos partidos de esquerda estão falidos, não sendo capazes de organizar e praticar um projeto alternativo para o país.

Quanto à **CUT**, por ter se tornado uma correia de transmissão partidária – no mais claro estilo stalinista e trotskista de fazer política –, ao mesmo tempo em que é correia de transmissão do governo **Lula**, deu no que estamos vendo: uma Central que se tornou defensora dos interesses do capital, que entorpece o conceito de classe, engana os seus sindicalizados e a sua base social, camufla nossa história de lutas, faz acordos escabrosos com empresas e patronato em detrimento dos interesses reais dos trabalhadores.

Quanto à **Conlutas** e à Intersindical, creio que são esforços gigantescos de muitos dirigentes sindicais e militantes que desacreditaram da **CUT**, que viram um governo petista descambar para o neoliberalismo, que estão vendo esse mesmo governo por em prática as determinações do '**Consenso de Washington**', promovendo Reformas na Constituição que visam anular nossa históricas conquistas. Esses dois movimentos e outras iniciativas que vêm sendo tomadas poderão ser o desaguadouro capaz de canalizar as forças sociais que se movem para não serem tragadas pela enxurrada do neoliberalismo.

**IHU On Line - O Sr. filiou-se ao PSOL, o que pensa do partido? O PSOL fala em ser o que o PT foi no início dos anos 80, isso é possível?**

**Waldemar Rossi** - Não me filiei ao **PSOL** ou outro partido qualquer, nem pretendo me filiar, pois considero a experiência e prática partidária da esquerda equivocada e ultrapassada. Seus vícios políticos (originados nas várias matrizes ideológicas "marxistas") não permite que sejam capazes de gerar e levar adiante um projeto alternativo de sociedade, socialista, democrática de fato, com ampla participação popular que deve controlar os "poderes". Penso que, historicamente, temos que criar novos instrumentos de lutas, com parâmetros diferentes dos atuais.

Creio que o **PSOL**, por mais que venha a avançar, não terá a menor condição de responder a esse desafio estratégico. Quem sabe venha a ser um **PT** (o **PT** de sua origem, não o atual) melhorado. Não mais que isso.

Alegrias e frustrações

**IHU On-Line - Quais foram as suas três maiores alegrias na sua trajetória de militante e as três maiores decepções?**

**Waldemar Rossi** – Teria muita dificuldade em selecionar três grandes alegrias em toda minha vida de militante, tão intenso tem sido meu engajamento. Talvez seja mais fácil dizer que – apesar de muitos erros cometidos – sinto que tenho vivido sempre muito tranquilo e seguro e com muita intensidade em todas as empreitadas assumidas. Pode ser isso resultado de que, sempre que julgo necessário entrar numa luta, o faço se ela aponta para um caminho em busca da solidariedade e da justiça, se essa luta ou tarefa seja um campo de sementeiras.

Diria que frustração senti quando **D. Paulo** anunciou que eu iria reduzir minha saudação ao papa, porque o centro da mensagem trazia denúncias e apelos muito fortes, condizentes com o momento histórico. Outra frustração, sem dúvidas, foi o fato de termos sido derrotados pela direita, pela repressão, pelo peleguismo e por setores da "esquerda" no esforço hercúleo para derrotar os pelegos e ocupar a direção do sindicato de maior peso político da América Latina, estratégico na luta de classes. A perseguição à **Teologia da Libertação**, como um todo, sem os discernimentos necessários entre possíveis excessos e suas enormes virtudes, redundava em favor das vitórias que o

capital vem tendo sobre a classe trabalhador e pode ser elencada como uma das frustrações, não apenas minhas, mas de tantos e tantas militantes cristãos/ãs.

"...tempos, de arregaçar as mangas e de ir pra luta sem tréguas contra o capital"

#### IHU On-Line - Qual é a sua mensagem para os trabalhadores e trabalhadoras nesse 1º de maio?

**Waldemar Rossi** – Se é verdade que estamos no auge da exploração capitalista, com a crescente miséria e marginalização, se é bem verdade que, no Brasil, estamos com um governo que nos rouba direitos conquistados com muita luta e muito sangue, também é verdade que o movimento social começa a acordar, a dar passos significativos na busca da mínima unidade política necessária para defender coletivamente seus direitos.

O 1º de maio deste ano de 2007 transforma-se num momento privilegiado para fortalecer essa unidade e para recuperar o sentido histórico dessa luta. Nesse sentido, o que posso esperar de todos/as os/as de boa vontade é que sejam capazes de perceber os sinais dos tempos, de arregaçar as mangas e de ir pra luta sem tréguas contra o capital.

### ADICIONAR COMENTÁRIO

Nome (obrigatório)

E-mail (obrigatório)

Website

Comentário

Notifique-me de comentários futuros



Atualizar

Você ainda pode digitar 2500 caracteres

Enviar

JComments

### CADASTRE-SE

Nome: \*

E-mail: \*

Quero receber:

- Notícias Diárias
- Revista IHU On-line
- Informações sobre eventos do IHU



Repita o código acima:

Enviar



**IHU**  
@\_ihu

13m

Dois meninos iraquenos cristãos fugidos de Mosul #Fotododia  
bit.ly/1ts6sht  
pic.twitter.com/rM7betpLmk

Mostrar foto



**IHU**  
@\_ihu

43m

Biopoder e a constituição étnico-racial das populações – Prof. MS  
Gustavo da Silva Kern – UFRGS  
bit.ly/1vQDCeT



**IHU**  
@\_ihu

1h

"Fernando Collor (PTB-AL) recrutou  
Gleisi Hoffmann (PT-PR) como  
cabo eleitoral na TV. Bernardo  
Franco bit.ly/1ts6aqQ #Frasedodia

### NOVOS COMENTÁRIOS

"Louvo a Deus pela Sabedoria do papa Francisco! Ele é um homem de Deus, que ajuda a promover a fé, ..." Em resposta a: **"Estamos na terceira guerra mundial. Em capítulos". Entrevista coletiva do Papa a bordo do avião de volta da Coreia**

"Gostei muito da ideia e da campanha. Mas o site é ruim de usar. Difícil ficar rodando o mouse para..." Em resposta a: **Organização lança campanha "não vote em ruralista"**

"Já por intuição previa que as plantas possuem uma inteligência oculta, pelo fato de alguma orqu..." Em resposta a: **"As plantas têm neurônios, são seres inteligentes"**



Conecte-se com o IHU no Facebook



Siga-nos no Twitter



Escreva para o IHU

Adicione o IHU aos seus Favoritos e volte mais vezes



**domtota**



**EcoDebate**  
Cidadania & Meio Ambiente



**amajivos**

Av. Unisinos, 950 – São Leopoldo – RS  
CEP 93.022-000  
Fone: +55 (51) 3590-8247  
[humanitas@unisinos.br](mailto:humanitas@unisinos.br)  
Copyright © 2011 – Unisinos – Todos os direitos reservados